

O DISCURSO SOBRE A FIGURA FEMININA EM “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY.

Rafael Queiroz Escobar (Bolsista UEMS)¹; Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (UEMS)²

¹Aluno do Curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia;
escobar_queiroz@yahoo.com.br; ²Professor(a) do Curso de Letras da UEMS, Unidade
Universitária de Cassilândia; tribesse@yahoo.com.br

Área temática: Linguística

Resumo

A proposta do trabalho é realizar uma análise da construção do discurso sobre a figura feminina na obra “Inocência”, de Visconde de Taunay. Para alcançar tal objetivo, recorre-se a elementos da teoria semiótica discursiva, principalmente da semântica narrativa e discursiva, focalizando-se dados linguísticos que permitam reconstruir a rede de relações semânticas que se configura na obra. Considera-se que a reiteração de determinados elementos figurativos, presentes no nível discursivo da obra, associada às relações entre sujeitos e objetos narrativos, contribuem de forma decisiva para a consecução de sua unidade temática, fundada na depreciação da figura feminina.

Palavras-chave: análise linguística; semiótica discursiva; discurso feminino; figuras.

Introdução

A análise a ser efetuada se alicerça na teoria semiótica discursiva que se ocupa da constituição do sentido do discurso por meio de um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Esse percurso gerativo possui três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis comporta um componente sintático e outro semântico.

Barros (2001:16) explica o conteúdo de cada nível da seguinte forma:

No nível das estruturas fundamentais, uma sintaxe explica as primeiras articulações da substância semântica e das operações sobre ela efetuadas e uma semântica surge como um inventário das categorias sêmicas com representação sintagmática assegurada pela sintaxe; na instância das estruturas narrativas, uma sintaxe regulamenta o fazer – simulacro do homem no mundo e das suas relações com os outros homens – e uma semântica atribui estatuto de valor aos objetos do fazer; na etapa mais superficial das estruturas discursivas, uma sintaxe organiza as relações entre enunciação e discurso e uma semântica estabelecem percursos temáticos e reveste figurativamente os conteúdos

da semântica narrativa.

Considerando a explanação de Barros, é possível observar como se constitui cada um dos níveis do percurso. No nível fundamental, encontra-se uma sintaxe que comporta uma organização mínima, uma estrutura elementar que se estabelece a partir de dois termos-objeto; estes, por meio das operações de asserção e de negação, encontram seus termos contraditórios e contrários, possibilitando a construção do quadrado semiótico-modelo básico da semiótica discursiva que visa a mostrar a articulação geral das oposições semânticas existentes no discurso.

A semântica fundamental, por sua vez, trata dos valores semânticos investidos sobre a instância das categorias fundamentais, do ponto de vista da categoria tímica que os articula, a /euforia/ versus /disforia/.

No nível narrativo, encontram-se, em sua sintaxe, sujeitos que estão juntos (em conjunção) ou separados (em disjunção) dos objetos que pretendem alcançar, pois neles investiram determinados valores que lhes são significativos.

No desenvolvimento narrativo, o enunciador tenta manipular o enunciatário. A manipulação é a primeira fase de um esquema narrativo canônico, depois dela existem ainda a competência, a performance e a sanção. As fases desse esquema narrativo nem sempre aparecem explicitadas ou ordenadas sequencialmente no discurso, entretanto, é possível reconstituí-las por pressuposição lógica.

No nível discursivo, sobretudo em seu componente semântico, encontram-se os procedimentos de tematização e de figurativização das estruturas narrativas. Para Barros (2005: 68), “*tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos*”. Já o procedimento de figurativização é aquele em que “*figuras do conteúdo recobrem percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial*” (op. cit.: 72). Contudo, salienta-se que os discursos não são completamente temáticos ou figurativos, mas que existem graus diversos de tematização e figurativização empregados em sua construção.

Para direcionar o trabalho, a análise do texto busca alcançar dois objetivos: 1) identificar as recorrências semânticas responsáveis pela manutenção da linha temática, apontando como estas se relacionam ao longo do texto; 2) examinar a organização discursiva no *corpus*, visando a evidenciar como se constrói o discurso sobre a figura feminina Inocência.

Assim, com base na semântica discursiva, será focalizada a construção do discurso em torno da figura feminina no romance brasileiro já mencionado, no qual se verificam discussões pertinentes à mulher, tendo como ponto de partida principal as falas das personagens Pereira e Cirino.

Material e Métodos

O método do trabalho corresponde a um levantamento dos termos responsáveis por veicularem traços semânticos que se reiteram durante a narrativa, os quais remetem às isotopias textuais e discursivas. A seguir, realiza-se a análise linguística de tais termos, com a preocupação de reconstruir a rede de relações semânticas que se configura na obra.

Resultados e Discussão

Nossa análise tem como ponto de partida principal as falas das personagens do romance que evidenciam um discurso convergente sobre a personagem Inocência, figura feminina que aparece na obra como sem valor, mera seguidora de ordens do pai – uma perspectiva que será problematizada neste trabalho.

No decorrer dos estudos feitos na obra “Inocência”, de Taunay, com base na teoria semiótica discursiva, podemos observar traços que remetem ao discurso sobre a figura feminina nos discursos do narrador e dos principais personagens, “Pereira”, “Meyer” e “Cirino”, os quais são definidos na obra, respectivamente, como o pai de Inocência, cientista naturalista e o Médico que se apaixona por Inocência. Embora, no início da obra, a personagem “Pereira” apareça como protetor da figura feminina, é importante destacar que essa personagem trata sua filha Inocência como uma figura sublime, meiga e delicada, merecedora de respeito, cuidados e proteção paterna, ou seja, o sujeito Pereira se encontrava em junção com o sujeito Inocência, uma vez que, movido pelo amor paterno e pela inocência da filha, apresenta um discurso considerado por Barros como eufórico, algo que concretiza o início do percurso gerativo de sentido:

—Pobrezinha... Por esta não há de vir o mal ao mundo... É uma pombinha do céu... Tão boa, tão carinhosa!... E feiticeira!!!

—Não posso com ela... só o pensar em que tenho de entregá-la nas mãos de um homem, bole comigo todo... E preciso, porém. Há anos... devia já ter cuidado nesse arranjo, mas... Não sei... cada vez que pensava nisso... caía-me a alma aos pés. Também é menina que não foi criada como as mais... Ah! Senhor Cirino, isto de filhos, são pedaços do coração que a gente arranca do corpo e bota a andar por esse mundo de Cristo.

A partir do momento que a trama vai desenrolando-se, o percurso gerativo de sentido vai gerando oposições semânticas que são definidas como “disfórica, quando estão em

situação de desconformidade com esses valores”, ou seja, Pereira, sujeito disjunto, aparecerá como opositor às concepções femininas por se tratar de um Sujeito “matuto” vivente do sertão por não conhecer uma visão contrária da imagem feminina. Dessa forma, o narrador faz a seguinte colocação sobre a fala (atitude) de Pereira:

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é em geral corrente nos nossos sertões e traz como conseqüência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas, sobretudo os numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho.

Para Pereira, sua filha Inocência devia obedecê-lo em todas as suas decisões, pois, para ele, a figura feminina não era portadora da liberdade de expressar ideias próprias e de até mesmo optar por seu destino. Observações que podem ser vistas a seguir:

Ergueu-se Pereira de um pulo e, aproximando a face, repentinamente incendida de cólera, junto ao rosto de Cirino:

—O quê? Exclamou com voz de trovão, eu... consultar minha filha? Pedir-lhe licença... para casá-la?... O senhor está doido?... Ou está mangando comigo... Ai...que também... (Inocência p.131).

É importante observar que o próprio texto apresenta certo cuidado ao demonstrar diferenças sociais entre os personagens, e uma dessas diferenças está pautada no discurso sobre a imagem da mulher. Na obra, a personagem Cirino, sujeito eufórico e defensor da mulher, aparece como símbolo da juventude, uma vez que representa o jovem da cidade como aventureiro e detentor de todas as regalias que são vistas como negativas para o sujeito do sertão que defende sua honra, sua família e principalmente as filhas mulheres, deixando-as até mesmo em cativeiro, ocultadas em locais de difícil acesso a figuras masculinas.

—Aqui, no sertão do Brasil, há o mau costume de esconder as mulheres. Viajante não sabe de todo se são bonitas, se feias, e nada pode contar nos livros para o conhecimento dos que lêem. (inocência p.83).

Verifica-se também a presença de um discurso considerado eufórico, uma vez que, para Cirino e Meyer, sujeitos da cidade, não há vida sem a mulher. O personagem Pereira emprega de início um discurso favorável a Inocência, entretanto, por meio de junções e disjunções ocorridas durante todo o percurso narrativo da obra, podemos observar uma transformação em seu discurso, sendo então, apresentado de forma disfórica.

*Quanto às mulheres, não tenho as suas opiniões, nem as acho razoáveis nem de justiça. Entretanto, é inútil discutirmos porque sei que isso são prevenções vindas de longe, e quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita... O Senhor falou-me com toda a franqueza, e também com franqueza lhe quero responder. No meu parecer, as mulheres são tão boas como nos, se não melhores: não há, pois, motivo para tanto desconfiar delas e ter os homens em tão boa conta... TAUNAY, **Inocência**, p.47.*

No decorrer do texto, os traços semânticos recorrentes e referidos na análise se tornam responsáveis por promover a disjunção de Pereira e Inocência. Isso pode ser notado quando o sujeito Inocência sofre uma transformação, operada pelo sujeito Cirino, na relação de Inocência com os objetos (repressão, opressão e privação da liberdade de opinião).

Cirino, ao visitar a casa de Pereira e conhecer Inocência, percebe que ela “*é rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito ariscazinha de modos, mas bonita e boa deveras...*” traço disfórico em relação à imagem da mulher e/ou moça do ambiente rural. Podem ser reconhecidos enunciados de fazer e enunciados de estado. Os enunciados de estado apontam para a relação de junção entre o sujeito Inocência e os objetos (liberdade, fuga e amor), os quais serão responsáveis pela transformação futura de Inocência; os enunciados de fazer indicam a transformação operada pelo sujeito Cirino sobre a relação de Inocência com os objetos. Tal junção demonstrada acima é a relação que determina o estado e a situação em que se encontra o sujeito com determinado objeto. Nesse sentido, Inocência investe cada vez mais em seus novos objetos de interesse por saber que, ao entrar em conjunção com eles, conseguiria também se juntar a Cirino.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, pela concessão da Bolsa PIBIC sem a qual a pesquisa não teria se concretizado.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo, Ática, 1998.